

## Das trevas à luz: entre a proibição e a crítica

Michel Gherman<sup>1</sup>

Rosiane Rodrigues de Almeida<sup>2</sup>

Marcos Fábio Rezende Correia<sup>3</sup>

Sobre o relançamento do livro “*Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*” de Edir Macedo

Muitas pessoas estão hoje nas mãos dos espíritos demoníacos devido a impaciência. Deixaram de esperar em Deus a solução para seus problemas e acabaram sendo dominados por exus, caboclos, pretos-velhos, etc. [...] É aí que entra a Umbanda, Quimbanda, Candomblé e as religiões e práticas espíritas de um modo geral, que são os principais canais de atuação dos demônios, principalmente em nossa pátria. (MACEDO, 2013, p. 42).

A epígrafe que serve de abertura a este texto é um excerto da obra de autoria de Edir Macedo, “*Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*”, lançado em 1987 e relançado em 2005. Ao tratar do referido livro, o premiado jornalista Aydano André Motta, diz que este “tratado de terror discriminatório serviu de alicerce a maior igreja neopentecostal do Brasil, atualmente espalhada por todos os continentes, que inspira seus ritos justamente nos protocolos comuns a terreiros da fé afro-brasileira”. A reportagem, veiculada no site

---

<sup>1</sup> Professor Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos (NIEJ/UFRJ)

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, Bolsista CAPES, pesquisadora do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INEAC/UFF)

<sup>3</sup> Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social pela Escola de Administração da UFBA e pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa Onilê da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia (EAUFBA)

Colabora em 2017, informa que todas as 157 páginas do livro do chefe da Igreja Universal do Reino de Deus se constituem como um libelo racista e difamatório às tradições afro-brasileiras, uma vez que as afirmações feitas por Edir Macedo baseiam-se

em pretensas referências científicas (“Os maiores médicos do Rio de Janeiro já chegaram à conclusão de que o espiritismo é a maior fábrica de loucos que existe”, “Os demônios também se alojam no sistema nervoso do homem, daí poderem dominá-lo completamente”), e ameaças à vida (“... todas as pessoas que vivem querendo morrer são endemoninhadas”), até mergulhar em metáfora apocalíptica: “Essa religião, tão popular no Brasil, é uma fábrica de loucos e uma agência onde se tira o passaporte para a morte e uma viagem para o inferno”.  
(Aydano, 2017) - **Grifos nossos**

Do ponto de vista sócio-antropológico, para dimensionar o impacto provocado pelo livro “*Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*” na formação ideológica do movimento neopentecostal (Freston, 1994; Oro, 1997; Mariano, 1999; Almeida, 2015; Leandro e Sanfilippo, 2018) brasileiro, trona-se necessário estabelecer contrastes considerando outras obras, cujo objetivo e teor estejam alinhadas ao referido livro, ainda que em contextos históricos e sociais distintos. Neste sentido, para que possamos estabelecer contrastes entre sociedades, momentos históricos ou, como exigido neste caso, entre obras literárias, passaremos a elencar as características fundamentais do referido livro para que possamos identificar uma obra que, colocada em contraste, se torne passível de comparação.

Como principais atributos do livro de Edir Macedo podemos apontar que:

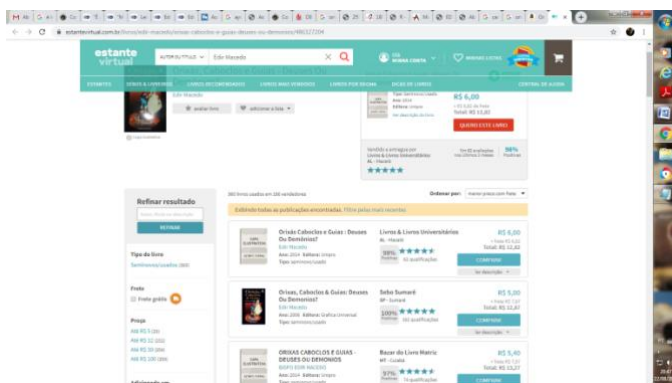
- a) O objetivo do O livro “*Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*” é o de estabelecer bases diferenciadas para a sociedade brasileira, através de uma religiosidade maniqueísta, estabelecida por uma visão particular do seu autor. Esta visão particular se dá para além da forma heterodoxa de prática da doutrina cristã (Oro, 1997; Mariano, 1999). Como é de conhecimento público, Edir Macedo tem declarados objetivos de controlar a política no país. Tanto que em 2011 realizou o lançamento do livro intitulado “Plano de Deus: os cristãos e a política” que conclama os evangélicos a egerem apenas políticos de suas igrejas;

- b) “*Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*” vendeu mais de quatro milhões de exemplares e já se encontra em sua 15ª edição (Dias e Campos, 2012). Estes dados, no entanto, podem ser lidos como minorados, uma vez que, conforme assevera Marques (2015), não é possível obter

informações precisas acerca de quando a obra foi lançada, pois no livro editado em 2013, que foi utilizado diretamente na pesquisa, consta o Copiright 2000, porém no Processo número 2005.33.00.022891-3, consta que a obra circula desde os anos 80. Possivelmente a obra atual seja uma nova versão com novo ISBN, ou então, a obra circulava sem esse registro, antes de 2000; ou ainda, poderia ter sido iniciada como folder ou folheto, e depois se expandindo, embora no processo seja questionado e utilizado exatamente o mesmo título do livro (Marques, 2015:37)

- c) O livro refere-se a uma parcela minoritária da sociedade brasileira, a saber, aos praticantes das tradições afro-brasileiras – Umbanda, Candomblé, Quimbanda -, cuja estimativa do Censo de 2000 é de 0,3% da população brasileira (Prandi, 2004). Notadamente, no contexto sócio-histórico do país, esses segmentos são vistos como perseguidos e marginalizados, sendo por estes mesmos motivos, alvos preferenciais das políticas reparatórias do Estado;
- d) O referido livro vem sendo acusado de incitar a intolerância religiosa por pesquisadores e estudiosos do tema (Dias e Campos, 2012; Marques, 2015) e de promover a discriminação aos praticantes dos segmentos afro-brasileiros no país (Leandro e Sanfilippo, 2018);
- e) O livro de Edir Macedo, fundante da doutrina neopentecostal no país (Dias e Campos, 2012; Leandro e Sanfilippo, 2018), tem o intuito de desqualificar as práticas das tradições afro-brasileiras, com o sentido de associá-las ao mal – termo que é usado por Edir Macedo como sinônimo para demônios e diabos - tornando-as portadoras de todos os acontecimentos indesejáveis da vida social dos indivíduos;

- f) A proibição judicial de que o referido livro fosse editado, recomendada pelo Ministério Público Federal em 2005, não impossibilitou a sua circulação – uma vez que a obra tem circulado livremente pela rede mundial de computadores em formato de e-book, assim como sua edição impressa vendida em sites que comercializam literatura como a Amazon e Estante Virtual



Telas capturadas em 22/08/2019, às 20:50h nos seguintes endereços eletrônicos: <https://www.amazon.com.br/Orix%C3%A1s-caboclos-guias-deuses-dem%C3%B4nios-ebook/dp/B07C7WKHSN> e <https://www.estantevirtual.com.br/livros/edir-macedo/orixas-caboclos-e-guias-deuses-ou-demonios/486327204>

Apesar de resumidas neste texto, podemos entender que as características do livro “*Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*” informam uma obra de cunho discriminatório, cujo alvo concentra-se em uma parcela minoritária e historicamente em situação de vulnerabilidade no país. O objetivo do referido livro, conforme apontado pelos pesquisadores, é o de não apenas desqualificar as tradições de matrizes afro constituídas em solo brasileiro, mas está em associá-las ao mal, tornando-as culpadas pelos acontecimentos nefastos ocorridos na vida dos indivíduos. A proposta do livro aponta não só para o combate intelectual às tradições afro-brasileiras, mas ao seu

extermínio físico, histórico e cultural. Igualmente, destacamos que a referida obra é entendida por diversos autores como a base da doutrina neopentecostal - segmento acusado de perpetrar agressões aos adeptos das tradições afro-brasileiras, além de ataques a seus territórios (Silva, 2007; Miranda, 2011; Almeida, 2015, Miranda et al, 2019).

### **Racismo e Intolerância Religiosa: as duas faces da mesma moeda**

Em 2001, a Organização das Nações Unidas, ao realizar a Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata (Conferência de Durban), afirmou que

“racismo e discriminação racial, constituem graves violações de todos os direitos humanos e obstáculos ao pleno gozo destes direitos, e negam a verdade patente de que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos, constituem um obstáculo para relações amistosas e pacíficas entre povos e nações, e figuram entre as causas básicas de muitos conflitos internos e internacionais, incluindo conflitos armados e o conseqüente deslocamento forçado das populações” (Declaração e Programa de Ação de Durban do Ministério da Cultura, 2001)<sup>4</sup>

Devidos aos compromissos assumidos pelo Estado brasileiro na referida Conferência, em 2007 o Governo Federal editou o Decreto 6040/2007 que definiu a intolerância religiosa perpetrada às tradições afro-brasileiras como:

“expressão que não dá conta do grau de violência que incide sobre os territórios de tradições de matriz africana. Esta violência constitui a face mais perversa do racismo, por ser a negação de qualquer valoração positiva às tradições africanas, daí serem demonizadas e/ou reduzidas em sua dimensão real” (PNPCT, 2007).

---

<sup>4</sup> [http://www.unfpa.org.br/Arquivos/declaracao\\_durban.pdf](http://www.unfpa.org.br/Arquivos/declaracao_durban.pdf) Acesso em 26/08/2019.

Portanto, a) o Estado brasileiro reconhece que a intolerância religiosa praticada contra as tradições afro-brasileiras é a “face mais cruel do racismo”, e b) o Estado brasileiro, signatário da Organização das Nações Unidas, deve cumprir o Programa de Ação da Declaração de Durban no sentido de exterminar toda e qualquer prática racista ou de discriminação racial. Neste ponto, ressaltamos também que, devido a sua prática racista contra as tradições afro-brasileiras, a TV Record e a TV Mulher, ambas de propriedade de Edir Macedo, foram condenadas em abril de 2018 pela Sexta Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª Região (TRF3), a concederem direito de resposta às tradições de matriz africana.

Neste contexto, em que racismo e projeto fundamentalista se articulam, é que é possível comparar o livro “*Orixás, caboclos e guias: anjos ou demônios*” com outra obra, também identificada por diversos autores como racista, cuja edição tem sido objeto de preocupação de historiadores, antropólogos e políticos ao redor do mundo. Trata-se de “*Mein Kampf*” (em português, *Minha luta*) de Adolf Hitler, publicado em 1925/27, na Alemanha. Conforme é de conhecimento e senso comum, o livro de Hitler é um libelo ao racismo e serviu como divulgação do seu autor para implantar o pensamento nazista na Alemanha do entre-guerras. Combatido e proibido em vários países do mundo, “*Minha luta*” voltou ao cenário mundial em 2015, ano em que a obra se tornou de domínio público.

Apesar do livro de Edir Macedo ser uma publicação referente a um contexto nacional distinto (o cenário brasileiro), assim como o *Minha luta*, em relação ao contexto alemão, as ideias do fundador do neopentecostalismo (Mariano, 2004) se espalharam com velocidade por toda América latina, de formas, ainda que distintas, seguindo o modelo em que o livro de Hitler foi recebido pelo continente europeu, na primeira metade do século passado. Entender esta similaridade só é possível quando percebemos que, assim como “*Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*”

“*Mein Kampf*, (Minha Luta), 1925-1927<sup>1</sup>, obra escrita por Adolf Hitler, pretendia oferecer ao povo alemão não uma palavra de ordem eleitoral, mas uma “nova concepção filosófica de importância fundamental”, uma nova concepção do mundo que, como uma verdadeira religião, em dogmas precisos, destinava-se a tornar para o povo “as leis básicas de sua comunidade”. (Hitler apud Chevalier, 2001:393)” (Caetano, 2010:1).

Seguindo o caminho condenatório e de projeto de extermínio de um povo ‘inferior’, em sua luta por pureza racial, Hitler descreve o povo judeu como “Os ‘flagelos de Deus’ que não passam de parasitas que arditosamente imitam as bases do trabalho espiritual dos hospedeiros (que se tornam mestiços), empregam falsa crença religiosa, conquistam simpatia e proliferam suas mentiras” (Caetano, 2010:9). Neste ponto, tanto a obra de Edir Macedo quanto a de Adolf Hitler dialogam e se assemelham com um nível ímpar de morbidez. Os inimigos dos brasileiros (as divindades afro-brasileiras) precisam ser combatidos e proscritos, da mesma forma que os judeus (os “flagelos de Deus”) para que os problemas sejam solucionados.

As semelhanças entre as duas obras não param por aí. Elas promovem um sentimento nefasto de superioridade entre aqueles que se identificam com as obras, independente dos seus contextos históricos e sociais, porque, conforme explica o antropólogo Michel Gherman, coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos da Universidade Federal Fluminense, oferecem para seus leitores uma ideia de mundo “simples, irrefletida, que retira do indivíduo a responsabilidade de seus atos como a causa dos efeitos da vida social, transferindo a culpa para o ‘outro’ aquele que deve ser eliminado”. Neste contexto, os problemas da vida cotidiana (que tanto podem ser doenças e separações amorosas realizadas maleficamente por algum “encosto”) como os processos de empobrecimento financeiro de uma determinada parcela da sociedade (causada por um pretense domínio econômico do mundo pelos judeus) devem ser repelidos, combatidos e exterminados para que ‘magicamente’ desapareçam.

Os efeitos causados por esses discursos são mundialmente conhecidos, devido ao Holocausto de mais de 30 milhões de pessoas em todo o mundo, na primeira metade do século passado. Contemporaneamente no Brasil, a exponencial onda de ataques aos terreiros das tradições afro-brasileiras, as violências físicas e simbólicas e os assassinatos de seus adeptos, tem sido objeto de atenção das autoridades que assistem, entre perplexas e assustadas, o aparecimento do braço armado do neopentecostalismo no fenômeno nacionalmente conhecido como “traficantes evangélicos” (Vital da Cunha, 2014) que têm fechado, destruído e aterrorizado os adeptos das tradições afro-brasileiras. Ressaltamos que, não por acaso, “os traficantes evangélicos” iniciaram sua cruzada nas favelas e periferias do estado do Rio de Janeiro – sede da Igreja Universal do Reino de Deus e da TV Record, ambas comandadas por Edir Macedo – para outros estados da federação (Minas Gerais, Brasília e Pará) conforme notícias veiculadas pela imprensa.

Nestes termos, as ‘lutas’ de Adolf Hitler e Edir Macedo são similares, uma vez que identificam o ‘inimigo’ numa minoria vulnerável da sociedade, tornando-a a causa de males sociais. Tanto um quanto outro, propõe que seus leitores utilizem a superioridade (racial-religiosa) para eliminarem seus oponentes. No entanto, conforme assevera Dias e Campos (2012), a mensagem do livro de Edir Macedo neste sentido é mais subjetiva e elaborada, uma vez que sugestiona o extermínio a entidades espirituais ao invés de ordenar a eliminação de uma raça ou grupo étnico específico:

“Amigo leitor, comece hoje mesmo a exercer a autoridade que Jesus lhe confere. Não abra mão de seus direitos; não deixe de lado o que o Senhor lhe concedeu; agarre-se com unhas e dentes às bênçãos de Jesus e **‘pise na cabeça dos exus’ e CIA Ilimitada!** (MACEDO, 2000:129 – grifos nossos)”

Conforme podemos perceber, a mensagem de Edir Macedo é um tanto mais sofisticada que a de Hitler, que diz que o extermínio de um povo mais fraco se constitui em algo francamente natural, uma vez que sua proposta “não se apoia na ligação de elementos superiores, mas na vitória incondicional dos primeiros. **O papel do mais forte é dominar.** Não se deve misturar com o mais fraco, sacrificando assim a grandeza própria” (Hitler, 1983:185).

### **O que fazer diante de obras racistas, que incitam a violência contra populações reconhecidamente minoritárias e vulneráveis, num contexto de instabilidade política e econômica?**

Após a Segunda Guerra Mundial o livro de Adolf Hitler foi proibido em quase todos os países do mundo, voltando à cena em 2015, quando se tornou de domínio público. No Brasil, antes de se tornar de domínio público (a legislação alemã determina que qualquer obra se torne de domínio público após 70 anos da morte do autor) o juiz Alberto Salomão, da 33ª vara criminal do Rio de Janeiro, determinou a proibição de ‘venda, impressão ou divulgação’ da obra do líder nazista. A decisão do magistrado, amparada na robusta legislação infraconstitucional brasileira, tem reconhecidamente o mérito de dificultar o acesso de leitores a um libelo racista, que alicerça a ideologia de extermínio de uma determinada população – no caso o povo judeu. Por certo que, aparentemente, esta é a decisão mais acertada a ser tomada pelo setor da magistratura brasileira comprometida com o Estado Democrático de Direito e que esteja alinhada à legislação internacional



(Declaração dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas, Pacto de San Jose da Costa Rica, etc).

O mesmo procedimento (de proibição judicial) tem sido observado em relação ao tratamento recebido pelo livro de Edir Macedo. Em 2005, os procuradores da República Sidney Madruga e Cláudio Gusmão, do Ministério Público Federal da Bahia, consideraram que a obra, além de preconceituosa e discriminatória, “dedica quase que a totalidade de suas páginas a promover ofensas às religiões afro-brasileiras”. Segundo o MPF, trechos da publicação tratam as religiões de origem africana como “seitas demoníacas”, “modo pelo qual o demônio age na Terra” ou “canais de atuação dos demônios”. Os procuradores afirmam que o bispo responsabiliza a Umbanda, o Candomblé e a Quimbanda “pela destruição do ser humano” e pelo uso de entorpecentes<sup>5</sup>. O debate voltou a reacender com a notícia de que Edir Macedo irá relançar o seu livro.

Nestes termos, verificamos que a proibição dos livros se torna bandeira de luta daqueles que pretendem cumprir as determinações legais e retirar de circulação obras tão nefastas à convivência pacífica entre diferentes segmentos da sociedade. No entanto, percebemos que:

- a) Ainda que tenham sido proibidos, “*Minha luta*” e “*Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios*” jamais deixaram de ser lidos e comercializados;
- b) Os dois livros são considerados Best-sellers, devido a grande circulação e comercialização. O livro de Edir Macedo é vendido em igrejas, ofertado gratuitamente aos seus seguidores e, assim como o de Adolf Hitler, encontrado com enorme facilidade na rede mundial de computadores;
- c) Tanto um quanto outro se constituem em fontes históricas e sociológicas de mudanças – nefastas, assustadoras – nas respectivas sociedades que, ainda que em contextos muito diferentes, sentiram (e sentem) os efeitos do pensamento racista, e do poder de destruição que a ideia de eliminação de um determinado grupo – acusado de ser o causador de mazelas - possui. É neste sentido que devem servir de fonte de consulta ao pensamento científico;

---

<sup>5</sup> Ver: [https://www.conjur.com.br/2005-nov-09/mpf\\_tenta\\_suspender\\_venda\\_livro\\_edir\\_macedo](https://www.conjur.com.br/2005-nov-09/mpf_tenta_suspender_venda_livro_edir_macedo), Acesso em 21/08/2019.

- d) A proibição de obras – ainda que de cunho racista e de extermínio de populações – abre espaço para o debate, oportunista, entre os limites da liberdade de expressão e o controle de pensamento (censura);

### **Cenários e possibilidades**

No Brasil, devido à permeabilidade que o pensamento racista, com traços nazifascistas, tem contemporaneamente alterado as relações sociais no país, as populações historicamente vulneráveis e *marginalizadas* (Das e Poole, 2008) tem se percebido diante de dilemas e desafios extremamente novos para sua realidade social. Neste sentido, a necessidade de sobrevivência (física) desses grupos, atrelada a garantias de direitos, tem se conformado de maneiras polissêmicas e nem sempre coesas, no cenário nacional. É neste contexto, que o Coletivo de Entidades Negras mobilizou um abaixo-assinado que, com o acolhimento de mais de 25 mil assinaturas, exige judicialmente a proibição da edição, venda e circulação da obra “*Orixás, caboclos e guias: anjos ou demônios*”, de Edir Macedo. Em nosso entendimento, a livre circulação desta obra fere de morte os princípios de dignidade das tradições afro-brasileiras em território nacional, porque as coloca não só em condições de desvantagem sócio-histórica, mas porque seus territórios e adeptos já configuram como preferenciais aos ataques, agressões físicas e morais, além de serem mortos por professarem suas crenças e praticarem suas liturgias.

No entanto, as comunidades tradicionais de matrizes africanas, sejam do Candomblé, da Umbanda, Quimbanda, Batuque, Xangô, Tambor de Minas, Canjerê, Toré, Candomblé de Caboclo, Babaçue, etc. são reconhecidas no cenário nacional como tradições que, além de mantenedoras das memórias (Candau, 2011) dos africanos e seus descendentes – que chegaram aqui desde o século XVI como prisioneiros de guerras, cuja mão de obra especializada (agricultura, pecuária, mineração, medicina) não apenas sustentou por 380 anos o sistema econômico escravagista, mas civilizou o Brasil (Querino, 1918) – como práticas pacíficas que jamais tiveram o sentido de impor à força seus modos de vida. Ao contrário, essas comunidades sempre apostaram no conhecimento científico e no diálogo com os mais diversos segmentos da sociedade para que o Brasil se conformasse como um Estado-nação plural e diversamente colorido.

No entanto, diante dos desafios e adversidades que nossas comunidades têm enfrentado, nos colocamos como mediadores de uma demanda social que visa o estabelecimento da liberdade e dos preceitos democráticos que ainda orientam o Estado brasileiro. É com

intuito de honrar a memória dos antepassados, que indicamos, que dada a impossibilidade efetiva da proibição de edição e circulação do livro “*Orixás, caboclos e guias: anjos ou demônios*”, uma vez que seu acesso é facilitado pela rede mundial de computadores e por sua edição ser realizada sob a editora de propriedade de seu autor, sugerimos que a obra seja - conforme vem sendo orientada pela comunidade científica internacional ao livro “*Minha luta*”, de Adolf Hitler - obrigada a possuir em todas as suas edições (impressas, e-book, ou disponibilizadas gratuitamente em sites e blogs) crítica comentada por especialistas no tema das tradições afro-brasileiras, indicados por este Coletivo.

Nestes termos, apresentamos o abaixo-assinado (total das assinaturas em pen drive), assim como o material de consulta utilizado para a elaboração deste documento.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, Rosiane Rodrigues. *Quem foi que falou em igualdade?* Autografia: Rio de Janeiro, 2015

BIANCHETTI, Thiago Angelin Lemos. *Exu, Protetor ou Demônio?* Uma abordagem etnográfica dos rituais Afro-Brasileiros e das sessões de descarrego da IURD. Anais do 33º Encontro Anual da Anpocs. GT 34: Religião e Sociedade, 2009.

CAETANO, Tiago Lemanczuk Fraga. Mein Kampf e o ideário nazista. *Consilium Revista Eletrônica de Direito*, Brasília n.4, v.1, 2010.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Editora Contexto, 2011

DAS, Veena e POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes. Etnografias comparadas. *Revista Académica de Relaciones Internacionales*, Nº 8, 2008, GERI-UAM

DIAS, Julio César Tavares, CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. O discurso de intolerância da Igreja Universal do Reino de Deus: uma análise do livro *Orixás, Caboclos e Guias*. *Revista Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 22, n. 4, 2012.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. ANTONIAZZI, Alberto (Org). Petrópolis: Vozes, 1994, p. 67-162.

HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

LEANDRO, Marcos Eduardo, SANFILIPPO, Lúcio Bernard. Deus e o diabo na prateleira do mercado: reflexões e narrativas de um racismo religioso vigente. *Revista Periferia*, v. 10, n. 1, 2018. Dossiê: Afrodiáspora e Terreiros

MACEDO, Edir. Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios? Rio de Janeiro: Universal, 2000.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARQUES, Maristela Margas. *A Igreja Universal do Reino de Deus perante as religiões de matriz africana: intolerância em obra doutrinária*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação em Educação das Relações Étnico-Raciais, do MEC/SECAD e CIPEAD/NEAB-UFPR. Curitiba, 2015

MIRANDA, Ana Paula M. de. “*Combate à intolerância ou defesa da liberdade religiosa: paradigmas em conflito na construção de uma política pública de enfrentamento ao crime de discriminação étnico-racial-religiosa*”. 33º Encontro Anual da ANPOCS. São Paulo, 2011.

MIRANDA, Ana Paula M. de, CORREA, Roberta de Mello e ALMEIDA, Rosiane Rodrigues. O “renascimento” da intolerância religiosa e as formas de administração institucional de conflitos no Brasil. In: *Liberdade Religiosa e Direitos Humanos*. (org) Ricardo Perlingeiro. Niterói: Nupej/TRF2, 2019

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos Avançados* [online]. 2004, vol.18, n.52. Acesso em 25/08/2019

ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e Afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra? *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, 1997.

QUERINO, Manuel. *O colono preto como fator da civilização brasileira*. Imprensa Oficial do Estado da Bahia: Salvador, 1918

SILVA, Vagner Gonçalves da. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Mana* vol.13 no.1. Rio de Janeiro, Apr. 2007

SOUZA, André Ricardo de, ABUMANSSUR, Edin Sued, JÚNIOR, Jorge Leite. Percursos do Diabo e seus papéis nas igrejas neopentecostais. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, ano 25, n. 53, p. 385-410, jan./abr. 2019

**Veículos noticiosos consultados entre 25 e 26 de agosto de 2019:**

<http://institutobrasilisrael.org/colunistas/michel-gherman/geral/eu-acuso>

<https://oglobo.globo.com/sociedade/condenada-record-tera-de-transmitir-quatro-programas-sobre-religoes-de-matriz-africana-23415498>

<https://revistagalileu.globo.com/blogs/Maquina-do-Tempo/noticia/2016/07/por-que-voce-deveria-ler-minha-luta-de-hitler-que-completa-91-anos.html>

<http://www.ufrgs.br/obcomp/noticias/5/591/rede-record-e-rede-mulher-sao-obrigadas-a-exibir-direito-de-resposta-a-religoes-de-matriz-africana/>

[https://www.conjur.com.br/2005-nov-09/mpf\\_tenta\\_suspender\\_venda\\_livro\\_edir\\_macedo](https://www.conjur.com.br/2005-nov-09/mpf_tenta_suspender_venda_livro_edir_macedo)

<http://bemblogado.com.br/site/as-sagradas-escrituras-da-universal/>

<https://www.dw.com/pt-br/edi%C3%A7%C3%A3o-cr%C3%ADtica-de-livro-de-hitler-op%C3%B5e-historiadores-e-governo-da-baviera/a-17300801>

<https://www.dw.com/pt-br/edi%C3%A7%C3%A3o-comentada-de-minha-luta-sair%C3%A1-em-2016/a-18271632>

<https://www.dw.com/pt-br/leil%C3%A3o-arrecada-130-mil-euros-por-quadro-de-hitler/a-18081085>

<https://www.dw.com/pt-br/minha-luta-de-hitler-%C3%A9-best-seller-na-internet/a-17358821>

<https://www.dw.com/pt-br/%C3%A9-preciso-ler-minha-luta-de-hitler-diz-soci%C3%B3logo/a-18346321>

<https://www.conjur.com.br/2016-fev-13/observatorio-constitucional-proibicao-minha-luta-debate-liberdade-expressao>